



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Centro de Educação- CEDU  
Maceió - Alagoas - Brasil

## **O PROFESSOR É A PESSOA, A PESSOA É O PROFESSOR:** a narrativa autobiográfica no processo de identidade docente

**Edja Souza Barbosa** (UFAL)

(edja.barbosa@arapiraca.ufal.br)

**Tereza Cristina Cavalcanti de Albuquerque** (UFAL)

(tereza.albuquerque@arapiraca.ufal.br)

### **RESUMO:**

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre as potencialidades da narrativa autobiográfica enquanto processo de formação das identidades docentes dos professores que atuam na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). Para isso, realizou-se pesquisa bibliográfica a partir de autores como Arroyo (2013) Ventura (2019, 2020), Josso (2007) e Nóvoa (1992, 2009), entre outros. Como resultados, encontrou-se que a identidade docente está relacionada ao conhecimento mediado e à relação professor-aluno e que a utilização da narrativa enquanto metodologia formativa traz importante contribuição na formação de educadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Formação docente. Narrativa.

## **1 INTRODUÇÃO**

Este trabalho que tem como objetivo discutir sobre as potencialidades da narrativa autobiográfica enquanto processo de formação das identidades docentes dos professores que atuam na Educação de Jovens Adultos e Idosos (EJAI), e é parte de uma pesquisa maior em andamento, que também investiga a narrativa como metodologia de pesquisa e como metodologia de formação docente. A construção da identidade do(a) professor(a) da EJAI acontece concomitantemente aos processos de consolidação da modalidade no transcorrer histórico, e assim como muitas vezes a modalidade é inviabilizada nas políticas educacionais e institucionais, o(a) educador(a) que atua nela passa por processo parecido.

Para este trabalho utilizamos a abordagem qualitativa através de uma pesquisa bibliográfica que estudou diferentes fontes como livros, artigos científicos e a

legislação sobre o tema. De acordo com Lakatos e Marconi (1999), o principal objetivo deste tipo de pesquisa é colocar o pesquisador em contato com as produções científicas publicadas sobre o tema para a partir de uma análise específica construir novas interpretações sobre o tema de pesquisa.

## **2 CONSTRUINDO IDENTIDADES DOCENTES**

A ação educativa é própria da condição humana, no âmbito dos variados espaços em que a formação humana acontece. Sendo assim, todo humano seria um educador. Consequentemente, cabe a reflexão sobre o que distinguiria um docente, um profissional educador, das demais pessoas. Porque é a diferença que marca as posições nos sistemas de classificação.

Esta distinção está ligada, primeiro, à concepção de educação que se defende, e análogo a isso, à autoimagem e à própria identidade docente. Arroyo (2013, p. 69), afirma que “a identificação com a imagem de docente de área é muito forte em nossa tradição social e pedagógica”. Ou seja, há uma forte tendência para a ligação com a disciplina em que se licenciou para ensinar, ou a modalidade que teve destaque em sua formação. Por isso mesmo, a imagem social dos docentes sempre esteve ligada ao conteúdo mediado: professor de matemática, professora de inglês.

Mas, outras competências podem ser necessárias na construção da identidade docente. Nóvoa (2009, p.30), destaca que adota um conceito adaptável, em suas palavras, mais “líquido” e menos “sólido” (aspas do autor), pretendendo trazer a perspectiva que une, na produção identitária docente, as dimensões pessoais e profissionais. O autor, trabalha ainda algumas marcas que identificam o ser professor, mais especificamente, ser um bom professor, que são: (1) conhecimento; (2) cultura profissional; (3) tato pedagógico; (4) trabalho em equipe; (5) compromisso social.

O “conhecimento” relaciona-se às práticas que um professor tem e que leva o estudante à aprendizagem. Para tanto, é importante conhecer o objeto de trabalho que é o próprio estudante e o conhecimento a ser mediado. A “cultura profissional”, por sua vez, desenvolve-se a partir da rotina escolar, com suas avaliações diárias e interações entre colegas, e vai integrando o professor na profissão. Nesse sentido, a pessoa não se faz professor isoladamente, mas constrói sua identidade cultural no diálogo, reflexão e registro da prática.

Nóvoa (2009) também define como “tato pedagógico” a capacidade de relação e de comunicação, cruzando sempre dimensão profissional e pessoal para essa finalidade de condução a plena aprendizagem do estudante. Além disto, pelo fato da educação não se realizar isoladamente, é necessário que um bom professor saiba realizar “trabalho em equipe” num esforço colaborativo para os objetivos em comum que a escola tem. E por último, o “compromisso social”, ultrapassando os limites da sala de aula, para que haja reflexão e transformação. (NÓVOA, 2009).

Para além das competências, as identidades docentes são oriundas de um processo cultural, muitas vezes cadenciados, que remontam desde a infância dos professores e professoras chegando até nos processos estruturais nos lugares de atuação docente, ou seja, as escolas onde esses profissionais atuam.

Estou propondo que pensemos que a construção da identidade de professor(a) passa ou é inseparável de processos culturais que são lentos, mas que tem de ser construídos. Passa pela afirmação de uma cultura pública, da vinculação escolar a essa cultura ou da inclusão da educação no campo dos direitos sociais, humanos. (ARROYO, p. 193, 2013).

Aprender e querer ensinar antecede a formação inicial. Acrescente-se também que a identidade profissional é forjada a partir da leitura de mundo que o sujeito realiza em suas vivências antes mesmo da sua formação. Consoante Fernandes e Lopes (2011, p. 43) o sentido de docência também se inicia nas relações com os professores que se teve na infância ou familiares. Por este motivo, as autoras defendem uma prática formativa, “direcionada às reflexões dos processos que antecedem a formação e que influenciam na escolha da profissão e na performance docente”, utilizando para isto a pesquisa narrativa autobiográfica.

A pesquisa das autoras supracitadas percebeu que a aproximação das participantes de sua pesquisa com a docência teve início em fatos constitutivos da identidade dessas professoras. De acordo com elas “a opção pela profissão, para a maioria do grupo, foi influenciada por eventos da infância, por “herança” familiar, ou por “brincadeiras de meninas”. (aspas das autoras) (2011, p. 43).

Por isso, a formação ou projetos de formação podem ser associados à identidade. Nóvoa (2009) afirma que o professor é a pessoa e a pessoa é o professor, ou seja, para o autor, são dimensões inseparáveis. Nesse sentido, as fronteiras do

que se ensina chega ao limiar do que se é. Assim, entendendo essa relação intrínseca entre ser professor/pessoa, o autor defende uma prática formativa que inclua registros:

O registro escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência do seu trabalho e da sua identidade como professor. A formação deve contribuir para criar nos futuros professores hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais. (NÓVOA, 2009, p. 39).

Justificada por um projeto de formação, a elaboração de registros escritos que reflitam a identidade dos professores, auxiliam no processo de autoanálise, captando nuances de uma profissão que não se restringe a apenas aspectos técnicos ou científicos. As identidades são reproduzidas e podem ir se transformando no decorrer do tempo, pois, vão sendo afirmadas de acordo com os constructos que o indivíduo entra em contato através da interação do social com o simbólico. Sobre isso, Josso (2007, p. 415), reflete que a representação convencional de uma identidade, solidificada “num dado momento graças à sua estabilidade conquistada”; e é desconstruída graças, segundo a autora, ao “jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais,” e, ainda, às constantes reflexões sobre si mesmo, não sendo um processo estanque, mas um constante devir.

Por outro lado, o educador e a educadora são atravessados por muitas identidades dentro das várias dimensões que o sujeito existe. As identidades (familiar, profissional e social) vão transitando entre si. Assim, várias dimensões da vida se inter cruzam na produção de imagens e identidades do educador(a). Nóvoa (1992, p. 13) destaca a urgência em “(re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida” pois o professor é uma pessoa ser/sendo professor, e isto é parte dessa existência como indivíduo.

O professor e a professora da educação infantil têm a imagem associada à mãe que cuida. Será que o professor(a) da EJA também teria essa representação simbólica? Pois, sabe-se que aqueles (as) que adentram ao ensino fundamental tem

suas imagens fortemente marcadas aos processos de alfabetização. Os educadores(as) são, invariavelmente, o primeiro contato que a pessoa tem com os signos orto-alfabéticos de maneira institucionalizada, por isso, a forte representação docente com a alfabetização dos indivíduos.

Neste sentido, a imagem que o professor tem socialmente relaciona-se com a identidade que é produzida mediante as interações que o indivíduo realiza em sua vida, em como ele se vê (autoimagem) e como os outros o veem. Ventura (2020) traduz essas transformações que o professor passa através da alegoria da fênix, ser mitológico, ao constatar esse processo que faz o sujeito “ressurgir dele próprio com novo vigor.” Sendo ele mesmo, numa nova reconfiguração, nos processos (re)estruturantes de sua própria identidade e, ao utilizar a fênix como alegoria entende que ela “pode representar um novo fôlego de identidade”. (VENTURA, 2020, p. 19).

Devido a essa (re)construção constante da identidade docente, a imagem social se transubstancia no decorrer do tempo, ligando-se às transformações e aos embates que a classe realiza no decorrer do tempo. Embora que, desde o final da década de 1970, tem-se assumido o perfil de “trabalhadores(as) da educação”, muito em decorrência dos debates ocorridos naquela década sobre formação de professores com a perspectiva da profissionalização, não houve redefinição na autoimagem, muito menos na imagem social docente. (ARROYO, 2013; NÓVOA, 1992).

Mas, quais imagens e autoimagens circundam ser/fazer de um professor(a) que resulta a identidade do docente da EJA? Pela complexidade e campos de atuação, pode se usar o mosaico como alegoria para essa imagem. Pois ela é formada, mediante o contexto cultural e social, pelas experiências de vida e formação que esses docentes passam.

Pela própria especificidade da modalidade em sua grande diversidade de sujeitos, dos embates de afirmação da modalidade, o próprio professor se constrói concomitantemente com a configuração social e política dela. Arroyo diz que “a formação do educador e da educadora de jovens e adultos sempre foi um pouco pelas bordas, nas próprias fronteiras onde estava acontecendo a EJA” (ARROYO, 2006, p. 17). Deste modo, a construção da identidade do professor que atua na modalidade acontece em paralelo a construção histórica da EJA. Já que ela se configura mediante embates de afirmação, tendo os educadores como partícipes dessas lutas. Conclui-

se que cada modalidade teria uma imagem específica de educador e educadora. Mas como no contexto da educação básica, a imagem social docente é fortemente atrelada às atividades e à “competência para o ensino das primeiras letras e contas” (ARROYO, 2013, p. 31), com um forte destaque para o trato carinhoso que se tem com os estudantes, a identidade do professor da EJA herda esta mesma imagem de representação social, que acaba por influenciar suas ações em sala de aula, explicando, um pouco, a prática muitas vezes infantilizadora que ainda teima em existir (há outros elementos que também influenciam a existência desta prática, como a predominância de disciplinas de metodologias para o ensino de crianças na formação inicial docente).

As questões que envolvem a formação da identidade docente e a formação da identidade docente do professor da EJA apresentadas até agora, contribuem para a discussão sobre as potencialidades da narrativa de si (autobiográfica) na construção dessa identidade. A formação docente através das narrativas poderá ser compreendida como um recurso para o fortalecimento desta identidade do docente que atua na EJA, a seguir, discutimos alguns dos aspectos que colaboram com esta possibilidade.

### **3 A NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E SUAS POTENCIALIDADES**

Neste ponto, abordaremos sobre a narrativa autobiográfica e sua importante contribuição na pesquisa acadêmica e como a pesquisa narrativa ganhou espaço na pesquisa em educação, colaborando na formação de professores(as).

Inicialmente é preciso ponderarmos sobre a narrativa em seus três aspectos: (1) a narrativa enquanto metodologia de pesquisa, (2) metodologia de formação e a (3) narrativa enquanto processo de registro das histórias de vida, ou seja, como fenômeno humano.

Como método de pesquisa localizado na pesquisa qualitativa, ela trata de levantar mais problemas (questões de pesquisa) em seus achados, do que levantar “pseudo-soluções”. Além disto, “o pesquisador, seus interlocutores e leitores são coautores que atribuem significações aos conteúdos narrados” (VENTURA, 2020, p. 145) se afastando, portanto, da abordagem positivista, que traça várias classificações na investigação. Entretanto, sua realização é complexa, pois,

embora esteja em evidência, não é nada fácil de se realizar, sobretudo pelos riscos intrínsecos ao processo investigativo, que vão desde a adequação do método ao fenômeno, passando pelas complexas relações intersubjetivas entre pesquisadores e seus informantes, culminando com a produção de uma narrativa exequível sobre o pesquisado e sua aceitação no mundo acadêmico. (VENTURA, 2020, p. 156).

A narrativa ganha destaque como metodologia de pesquisa nas ciências sociais a partir da década de 1960, consequência da mudança epistemológica na historiografia brasileira. Assim, apresentam-se outras possibilidades metodológicas com o uso de diversas fontes e maneiras de produzir o conhecimento. Nesse momento histórico, tecem-se críticas às produções obtidas exclusivamente através de fontes escritas e documentais, pois essas fontes não trazem as vozes dos desprivilegiados e minorias sociais, e dentre os novos tipos de fontes, a narrativa oral ou escrita surge e dá voz aos professores. (VENTURA; CRUZ, 2019).

Destarte, sendo o professor um agente de transformação, considera-se que, ao dar espaço e voz a este profissional, a pesquisa eleva-se e cria momentos de aprendizagem e de formação, possibilitando a produção de saberes advindos da sua experiência e vivência. (MATOS, 2016; FREITAS; GHEDIN, 2015. FERNANDES; LOPES, 2011).

Nessa perspectiva de formação através das narrativas, ao consultarmos a literatura acadêmica já produzida sobre a temática, observa-se o aumento da relevância da narrativa de matriz autobiográfica na produção de conhecimento nas ciências sociais, principalmente no âmbito da formação de professores por conta da possibilidade dada ao docente de narrar suas experiências e neste processo refletir sobre o que está narrando, visto que, as experiências compartilhadas através da narrativa não são aleatórias: há uma escolha sobre o que narrar, como narrar, o que evidenciar, o que esconder, e ao mesmo tempo há uma análise destes eventos durante a própria narrativa. A partir daí surgem elementos e compreensões que não estavam evidenciadas para o docente, mas que o ato de narrar possibilitou estas novas compreensões sobre experiências passadas.

Em um artigo intitulado “As narrativas de formação nos processos formativos de professores como dispositivo para a reflexão sobre a aprendizagem da docência na educação de jovens e adultos” as autoras Fernandes e Lopes (2011) investigaram

a vida profissional de professores da Educação de Jovens e adultos de escolas públicas de Fortaleza através de pesquisa autobiográfica. Para as autoras, a narrativa desenvolve um processo formativo que dá valor aos saberes e práticas docentes e, conseqüentemente, contribui nesse processo formativo, no fortalecimento de identidades dos professores e professoras. As autoras aqui citadas, observaram a partir das narrativas docentes que há um contínuo processo de mudança que envolve as dimensões da pessoa, da prática e da profissionalização do profissional docente (FERNANDES; LOPES, 2011, p. 46).

A autora Ventura (2020) considera que as palavras narradas auxiliam na construção da identidade docente, e neste sentido dialoga com Fernandes e Lopes (2011), que evidenciam a existência de um infindável processo de mudanças na caracterização da identidade docente observado nas narrativas em suas três dimensões. De acordo com Ventura (2020) na construção da identidade profissional através da narrativa depositam-se “fragmentos, os rastros de transformações de identidades” (VENTURA, 2020, p. 18).

A narrativa, nesse sentido, teria um fio condutor, um caminho em que uma experiência chega a outra, dentro de um espaço temporal através dos fios que tecem as relações sociais, como seres que vivem num determinado tempo histórico e imersos numa determinada cultura sem, no entanto, desconsiderar o aspecto individual do sujeito, ou seja, sua subjetividade.

Assim como a fênix que transmuta uma nova identidade todas as vezes que confrontada pelo fogo, as dimensões do educador com seus desafios diários, demandam que este profissional se transmute com “novas posturas” e “novos processos identitários”. (VENTURA, 2020).

É necessário destacar um elemento essencial quando tratamos da narrativa, que é a experiência. Passado, presente e futuro convergem no ato narrativo de maneira que “promove a rememoração do passado com olhos e questionamentos do presente e permite prospectar o futuro como possibilidade de transformação e autotransformação” (FREITAS; GHEDIN, 2015, p. 121). É a experiência no âmbito da coletividade e do trabalho em equipe que possibilita a transformação dela em prática profissional que reflete na mudança do cotidiano da escola, enquanto comunidade de pessoas que nela transitam. (NÓVOA, 2009). Para Fernandes e Lopes “aprender pela experiência constitui a forma com que cada um tem de ser professor, de aprender a

ser, de conduzir seu trabalho, de enfrentar as questões do dia a dia” (NÓVOA, 2012, p.45), o tornar-se professor ocorre na condução de seu trabalho diário.

De acordo com Alves (2015, p.7) a constituição da identidade profissional configura-se como “um processo que se constitui nas relações e nas experiências pessoais e sociais do indivíduo, configurando-se como ator e autor de sua trajetória de vida pessoal e profissional”. Para o docente que tem sua identidade profissional intrinsecamente relacionada à sua vivência pessoal, como discutido anteriormente, essa condição de narratividade, é ainda mais potente quando associada à interpretação.

Neste processo de formação a partir das narrativas o interlocutor tem um importante papel, visto que dialogicamente conduz o professor narrador nesta jornada, sendo ambos, participantes da pesquisa e do processo formativo. Para Ventura (2020) é nesse momento de encontro com o outro em suas histórias que “nos formamos enquanto sujeitos situados num determinado tempo-espaço em um processo contínuo de (re)interpretação de si e do mundo.” (2020, p. 158).

Por isso, a narrativa enquanto processo formativo que é baseado nas experiências dos docentes, configura-se como um momento de expressão das histórias de vida e profissão manifestando aspectos subjetivos e objetivos sobre as escolhas daquele professor. E, ao tempo que revelam esses aspectos, oportunizam momentos de reflexão e nova compreensão.

Ventura (2020) considera três momentos em que acontecem os processos formativos ao utilizar a narrativa como metodologia de formação: um exercício da experiência, ao solicitar aos participantes a narrativa de suas experiências; a socialização da experiência vivida, em que se partilha não apenas conhecimentos formais, mas também conhecimentos de uma vida inteira; e a metarreflexão da experiência, no ponto em que converte senso comum e opinião pessoal do pesquisado, em gênero acadêmico. A efetivação destes três momentos parece ser indissociável do uso da narrativa empregada como metodologia de formação docente, sendo mais apropriada para a formação continuada do que para a formação inicial, tendo em vista que os estudantes de licenciatura, em sua maioria, possuem pouca experiência docente.

No entanto, desde a formação inicial até a formação continuada é importante criar “um espaço autobiográfico que retome a importante dimensão da vida pessoal e

profissional, a fim de que sejam lembradas (ou não) contribuições e lacunas, provocações e decepções do percurso formativo” como sugere Ventura (2020, p.159), possibilitando a valorização das experiências vivenciadas e apresentadas através das narrativas dos docentes, o que Nóvoa (2009) chama de “momentos que permitam a construção de narrativas sobre as suas próprias histórias de vida pessoal e profissional.” (NOVOA, 2009, p. 39).

Ao discutirmos sobre a identidade docente e as possibilidades da formação docente através da narrativa autobiográfica focamos nos docentes da EJAI e suas particularidades, sendo uma delas, a identidade ainda em construção para si e para o outro. Forjados na luta por existência e por resistência, esta categoria de docentes permanece no devir desta identidade e na reflexão sobre a sua formação que tende a construir um campo de estudos cada vez mais fértil.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A constituição da identidade docente do professor que atua na Educação de jovens, adultos e idosos é um processo em permanente transformação através do qual as dimensões pessoal e profissional estão entrelaçadas e sofrem as influências do contexto histórico de constituição e afirmação desta modalidade. Atualmente, não há um curso de licenciatura específico para a formação do docente para a EJAI e não há vagas ofertadas no mercado de trabalho. O docente da EJAI é formado e entra no mercado de trabalho como docente das séries iniciais ou docente para as áreas específicas do saber. Este fato colabora para que a identidade docente do professor de EJAI permaneça em busca de consolidação, mesmo que temporária, como é o caso da identidade docente para a educação básica.

Neste contínuo processo de mudança, a identidade docente do professor da EJAI poderá utilizar como recurso de pesquisa, mas sobretudo de formação, a narrativa autobiográfica, que tem como elementos centrais a experiência, a socialização e a metarreflexão, visto que, as narrativas dos professores não são aleatórias, elas se baseiam em uma escolha sobre o que falar, sobre o que calar, sobre o que evidenciar, sobre o que aprofundar, e a análise destas experiências poderá colaborar para a formação do professor, do seu interlocutor e dos demais que tiverem acesso às narrativas docentes.

Assim, ao discutirmos sobre as potencialidades da narrativa autobiográfica enquanto processo de formação das identidades docentes dos professores que atuam na Educação de Jovens Adultos e Idosos, concluímos que estes registros poderão colaborar para a instituição de novos olhares sobre a própria experiência e a experiência do outro, aprofundando a análise dos elementos construídos no cotidiano escolar em uma modalidade de ensino que está em construção da identidade de seus docentes e público e espaço na escola e redes de ensino.

Outros estudos poderão colaborar aprofundando esta discussão a partir do trabalho em campo, empregando a construção das narrativas como recurso de pesquisa e, sobretudo, de formação, construindo os dados com a participação dos docentes da EJAI.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gislene de Araújo. Narrativas de si: reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto) biográfica como abordagem de investigação e formação docente. **Anais Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação**, 2015.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. Cidade, editora 2013.

ARROYO, Miguel Gonzales. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

FERNANDES, Natal Lânia Roque; LOPES, Maria Amélia. As narrativas de formação nos processos formativos de professores como dispositivo para a reflexão sobre a aprendizagem da docência na educação de jovens e adultos. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 20, 2012. DOI: 10.9771/2317-1219rf.v0i20.5716. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5716>. Acesso em: 18 out. 2022.

FREITAS, Lilliane Miranda; GHEDIN, Evandro Luiz. Narrativas de formação: Origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista contemporânea de educação**, v. 10, n. 19, p. 111-131, 2015.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/848/84806302.pdf>. Acesso: 13 set 2022.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. IN: NÓVOA, António, ORG. - Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf). Acesso: 13 set 2022.

NÓVOA, António. Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Leonardo Davi Gomes de Castro. Pesquisa narrativa e educação: algumas considerações. In: **XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE**. 2017. p. 12146-12159

SILVA, Thomaz Tadeu. (org.), HAL., Stuart, WOODWARE, Kathryn, **Identidade e Diferença**, A perspectiva dos estudos culturais, Petrópolis, Vozes, 2000.

VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de narrativas autobiográficas na formação de educadores. **Revista Diálogo Educacional**, v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019.

VENTURA, Lidnei. **O voo da fênix**: narrativas de travessias de identidade de egressas da educação a distância. Florianópolis: UDESC, 2020.